

# A LOJA DA CLAUS PORTO: VIAGEM PELA HISTÓRIA DE UM EDIFÍCIO, UMA MARCA E UMA RUA CENTENÁRIOS

SÓNIA COUTO\*

**Resumo:** Na comemoração do seu 130 aniversário, a Claus Porto estabelece-se na Rua das Flores, numa das suas casas tradicionais burguesas, devolvendo a esta rua através dos seus produtos e história, a elegância e distinção que a caracterizou durante séculos. Este artigo pretende assim transmitir uma fusão de histórias em torno de uma marca, um edifício e uma rua, enquanto elementos de transformação desta artéria ao longo dos tempos. Por um lado, a Claus Porto, marca que nos seus primórdios era exclusiva da aristocracia, tal como esta rua que celebra 500 anos que constituiu uma das mais elitistas e comerciais ruas portuenses. Por outro, um eloquente edifício onde tantas outras actividades se desenvolveram, algumas das quais que tão bem caracterizaram esta rua, como as ourivesarias que perpetuam até aos dias de hoje.

**Palavras-chave:** Claus Porto; Sabonetes; Ourivesaria; Cunha Pimentel.

**Abstract:** In celebration of its 130<sup>th</sup> anniversary, Claus Porto established itself in Rua das Flores, in one of its traditional bourgeois houses, giving back to this street, through its products and history, the elegance and distinction that characterized it for centuries. This article aims to present a fusion of stories around a brand, a building, and a street, as elements of transformation of this artery over time. On the one hand, Claus Porto, a brand that in its early days was exclusive to the aristocracy, as well as this street that celebrates 500 years and was one of the most elitist and commercial streets in Oporto. On the other, an eloquent building where so many other activities were developed, some of which so well characterized this street, such as the jewelries that perpetuate until today.

**Keywords:** Claus Porto; Soaps; Jewellery; Cunha Pimentel.

## INTRODUÇÃO

O artigo apresentado é resultado da investigação desenvolvida em torno do edifício localizado nos n.ºs 20-22-24 da Rua das Flores e da Claus Porto onde está instalada a sua loja mãe.

Tendo como ponto de partida as origens deste edifício, quisemos abordar o tema não apenas na perspectiva arquitectónica, mas também as suas vivências, quer no que diz respeito às actividades ali desenvolvidas, mas também relativamente às famílias que por ali passaram, sejam elas proprietárias ou moradoras. O final desta viagem culmina na Claus Porto, que veio enriquecer ainda mais a história deste imóvel, cujas origens e essência tão bem se coadunam com a rua e a cidade.

---

\* Investigadora independente. Email: sonia.couto@gmail.com. A autora não segue o Acordo Ortográfico de 1990.

No que respeita à Claus Porto, a investigação sobre esta marca foi iniciada em 2003 e culminou em 2017 com o desenvolvimento de um trabalho de investigação sobre a história da marca, estudo e inventariação do seu acervo histórico. Deste trabalho resultou a concepção de um pequeno espaço museológico na loja da Claus Porto localizada na Rua das Flores, a participação no livro dos seus 130 anos, publicado em 2017 da autoria do conceituado designer Andrew Howard e ainda num artigo da minha autoria na Revista «O Tripeiro», no mesmo ano.

## 1. LOCALIZAÇÃO E PROPRIETÁRIOS/HABITANTES DO EDIFÍCIO

O edifício em estudo, localiza-se nos n.ºs 20, 22 e 24 da Rua das Flores, inserido na zona sul desta artéria, que outrora fazia parte dos terrenos foreiros à Mitra do Porto. Nesta ala sul da rua estavam estabelecidos os mercadores, com importantes armazéns de malhas e fazendas, mercearias, casas de chá e café, papelarias, lojas de ferragens etc.

As primeiras referências ao edifício primitivo que aqui existiu, remontam ao século XVI, conforme nos dão conta os registos do Censual da Mitra, datado de 1542, publicados por Cândido dos Santos<sup>1</sup> e estudados por José Ferrão Afonso<sup>2</sup>. Em 1523 o mercador Francisco Dias e sua mulher Grácia Lopes emprazam os terrenos para a construção de cinco casas nos atuais n.ºs 2-6, 8-12, 14-18, 20-24, 26-30. Foram herdeiros destas casas o cavaleiro fidalgo vereador e juiz pela ordenação, João Dias, que foi vedor da Imperatriz D. Isabel de Portugal, e sua mulher, Joana Serrão, moça de câmara da dita Imperatriz<sup>3</sup>.

Com base na consulta dos registos prediais, as licenças de obra existentes no Arquivo Histórico Municipal do Porto (AHMP), bem como as informações publicadas por José F. Afonso<sup>4</sup>, apresenta-se cronologicamente os diferentes proprietários/moradores deste prédio:

**1523** – Francisco Dias e sua mulher Grácia Lopes emprazam os terrenos para a construção de cinco casas nos n.ºs 2-6, 8-12, 14-18, 20-24, 26-30.

**1557** – O edifício pertencia a João Dias e sua mulher Joana Serrão.

**1561** – Joana Serrão, após a morte do seu marido em 1557, doa as casas dos n.ºs 20-24 e 26-30 à Companhia de Jesus.

**1565** – Os prédios são adquiridos por Francisco Pereira de Miranda, fidalgo da casa real e que foi capitão de Chaúl, casado com Guiomar Pereira, neta do cronista Rui de Pina.

**1574** – Os prédios passam para D. Isabel de Miranda e Jorge Pereira de Miranda, filhos de Francisco Pereira de Miranda e Guiomar Pereira.

---

<sup>1</sup> SANTOS, 1973.

<sup>2</sup> AFONSO, 2000.

<sup>3</sup> DELGADO, VALENÇA, GUIMARÃES, 2012: 79.

<sup>4</sup> AFONSO, 2000: 333-337.

**1639-1697** – Os proprietários eram D. Henrique Henriques senhor de Alcáçovas de Setúbal e sua esposa D. Maria Luísa Pereira de Menezes Faria, neta do irmão de Francisco Pereira de Miranda.

**1699** – O desembargador Jerónimo da Cunha Pimentel compra as casas dos n.ºs 2-6; 14-18; 20-24 e 26-30 a D. Maria Luísa Pereira de Menezes Faria e ao seu filho D. Jorge Henriques Pereira, 8.º Senhor de Alcáçovas, casado com D. Madalena de Bourbon.

**1746** – Após a morte de Jerónimo da Cunha Pimentel as casas ficam propriedade de António da Cunha Pimentel e sua mulher Felicíssima Leite Pereira e Melo.

**1856/1857** – Bento Ribeiro de Faria, cavaleiro professo na Ordem de Cristo que era proprietário de vários edifícios na Rua das Flores, faz um pedido de licenciamento de obra para os prédios dos n.ºs 22 ao 27.

**1874** – Era propriedade de Jerónimo da Cunha Pimentel Homem de Vasconcelos, neto do desembargador Jerónimo da Cunha Pimentel.

**1911** – José António de Sousa Nova compra os três prédios dos n.ºs 14-18; 20-24 e 26-30, por 6 contos a D. Maria da Cunha Pimentel de Vasconcelos e ao seu irmão Henrique da Cunha Pimentel Vasconcelos e sua esposa D. Maria Luísa Angélica de Sá Pimentel, que tinham herdado por partilha amigável como únicos filhos herdeiros dos seus pais Joaquim da Cunha Pimentel e D. Angélica Augusta da Costa de Vasconcelos Pimentel.

**1931** – O prédio fica propriedade de Laurinda Ferreira de Azevedo Sousa Nova, viúva de José António de Sousa Nova que faleceu em 1930.

**1973** – Maria Rosa Meira Sampaio fica na posse do prédio por sucessão testamentária.

**2002** – Maria Rosa Meira Sampaio arrenda o prédio ao Teatro de Marionetas

**2015** – RDD – Construção e gestão de imóveis S.A. adquire o imóvel a Maria Rosa Meira Sampaio

**2016** – Avelino Augusto dos Santos Oliveira, adquire o imóvel à RDD – Construção e gestão de imóveis S.A. e arrenda o mesmo à firma Ach. Brito, S.A./Claus Porto.

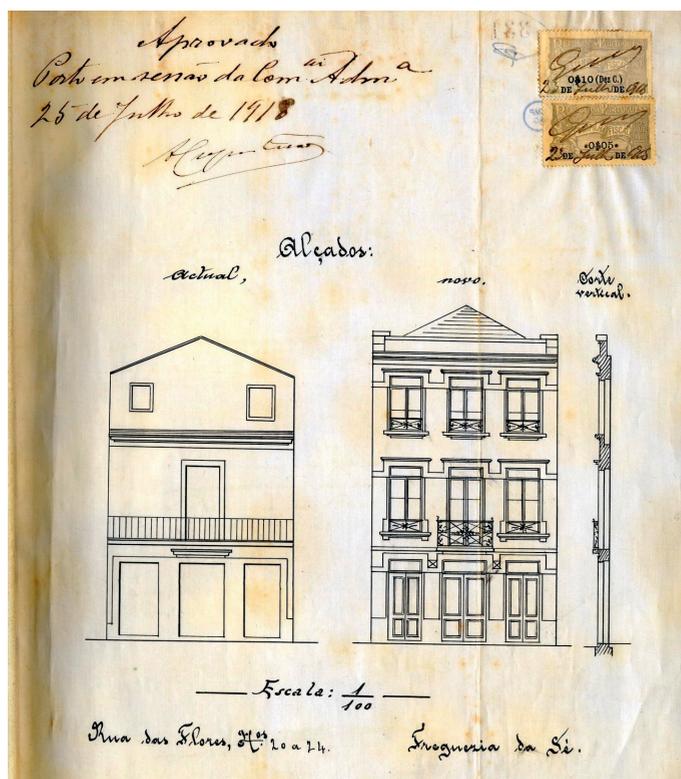
## **2. OBRAS E INTERVENÇÕES NO EDIFÍCIO**

Relativamente ao edifício primitivo não se conseguiu obter informações, sabe-se que foi construído em 1523, mas não se conhecem registos do mesmo.

O prédio conforme o conhecemos na actualidade, terá sido construído no século XIX, tendo sofrido várias remodelações ao longo dos tempos. É um edifício com duas frentes, uma para a Rua das Flores com entrada pelo n.º 22, outra para o interior do quarteirão, composto por quatro pisos (cave, rés-do-chão e dois pisos)<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> PORTO VIVO, SRU, 2009.



**Fig. 1**  
Planta de reconstrução da fachada do edifício (1918)  
Fonte: Câmara Municipal do Porto. Arquivo Histórico.  
Identificador: 86541

As licenças de obra mais antigas associadas a este imóvel datam de 1856 e 1857<sup>6</sup>, ambas requeridas por Bento Ribeiro de Faria, destinadas à reedificação da sua casa sita na Rua das Flores, n.ºs 22 e 27, referido que possuía dois andares e águas-furtadas, pretendendo adicionar um terceiro andar.

Somente em 1916 foi realizado um novo pedido de intervenção, desta vez em nome de José António Sousa Nova<sup>7</sup>, para reconstruir as duas fossas existentes e as respectivas canalizações dentro dos prédios n.ºs 14-18/20-24 e 26-30. Em 1918, o mesmo requerente e proprietário José António Sousa Nova, solicita um novo licenciamento de obra<sup>8</sup> para reabilitar a fachada que é antiquada e sem estética, visto que o prédio tinha sido tomado de arrendamento, por um período de 10 anos, para aí se estabelecer um armazém de fazendas. A licença referia ainda que o inquilino seria responsável pelos custos da obra. De acordo com a planta anexada à licença de obra, é possível constatar que a fachada vai adquirir a sua traça arquitectónica como a conhecemos actualmente.

<sup>6</sup> AHMP. Licenças de obra. N.º 150/1856 e N.º 291/1857.

<sup>7</sup> AHMP. Licença de obra. N.º 8/1916.

<sup>8</sup> AHMP. Licença de obra. N.º 469/1918.



**Fig. 2**

Fotografia dos edifícios da Rua das Flores n.º 18-24 e n.ºs 20-24 (1940)  
 Fonte: Câmara Municipal do Porto. Arquivo Histórico. Identificador: 169839

Em 1940 Laurinda Ferreira Azevedo Sousa Nova Mendes Correa requer autorização para realizar alterações na fachada do n.ºs 14-18 para formar um melhor conjunto com o prédio n.ºs 20-24. Pretendia ainda tapar várias portas que comunicavam com o prédio vizinho, aumentar o 2.º andar do prédio do n.ºs 20-24 para ficar com o mesmo prumo do andar inferior e colocar telhas do tipo Marselha na cobertura. Esta alteração da fachada não foi autorizada. O prédio foi sujeito a uma vistoria que certificava ter condições de habitabilidade<sup>9</sup>.

Após esta licença de obra, há uma ausência total de informações relativamente a outras intervenções no edifício e à sua utilização. Somente em 2002 quando o mesmo foi arrendado ao Teatro de Marionetas, é que foi levada a cabo uma intervenção profunda no imóvel, que se encontrava devoluto há vários anos e num elevado estado de degradação<sup>10</sup>. O projecto da autoria do conceituado arquitecto portuense José Gigante, pressupunha a reabilitação da fachada e do seu interior e ainda a substituição de telhado. A fachada encontrava-se descaracterizada pela retirada do reboco que anteriormente a revestia. No rés-do-chão foram retiradas as caixilharias existentes e redesenhadas tanto a porta de entrada como as montras laterais. O rés-do-chão além da área de atendimento, possuía uma área administrativa, 3 sanitários e ainda uma área de projecção de apresentação do museu, ao passo que o 1.º e 2.º andar destinavam-se a áreas de exposição. No último piso foi recuperada a estrutura de madeira de cobertura, assim como das estruturas de madeira existentes entre os pisos. A escada de acesso aos pisos superiores foi mantida, mas a escada de acesso à cave, dado o

<sup>9</sup> AHMP. *Licença de obra*. N.º 639/1940.

<sup>10</sup> AGMP. *Licença de obra*. N.º 168/2013.



Fig. 3

Fotografia do Edifício Claus Porto  
Fonte: Fotografia da autora



Fig. 4. Fotografia do piso 1 da loja da Claus Porto dedicado à história da marca. Fonte: Fotografia da autora

seu mau estado de conservação, foi demolida e reposta com os mesmos materiais em madeira e alvenaria. O soalho do rés-do-chão e cave foi revestido de argamassas, enquanto o soalho dos pisos superiores foi mantido e recuperado.

Dada a dimensão das obras a realizar, as mesmas foram feitas lentamente, ao ritmo da capacidade financeira da companhia, tendo sido apenas concluídas em 2013.

Finalmente, em 2016, a Claus Porto arrenda o prédio para aí instalar a sua casa-mãe, na cidade que a viu nascer. O projecto esteve a cabo do arquitecto João Mendes Ribeiro, o mesmo da loja de Lisboa e a participação artística na parte decorativa da arquitecta e artista plástica Joana Astolfi e do designer Eduardo Aires, director artístico do White Studio. Este projecto pretendia albergar não apenas uma loja comercial, mas sim um conceito de *lifestyle*, que fosse de encontro ao requinte, qualidade e autenticidade que caracteriza a marca e onde se pudesse materializar a sua longa história.

A intervenção deu-se essencialmente no seu interior, sendo o edifício composto por três áreas distintas: no rés-do-chão a loja com uma bancada para experimentar os produtos e uma zona de barbearia tradicional onde é possível ter este serviço mediante marcação. O piso 1 é o espaço-museu, dedicado à história da Claus Porto, onde se pode ver exposto algum do valioso espólio histórico da empresa e também uma área com reprodução das centenas de rótulos antigos que a marca possui. O piso 2 tem uma área para *workshops*, onde estão também expostos materiais de laboratório antigos, e uma zona de lazer para reuniões de trabalho<sup>11</sup>.

<sup>11</sup> COUTO, 2017: 364.

### 3. A VIDA DO EDIFÍCIO: ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS

O edifício como vimos no capítulo anterior, foi alvo de várias intervenções, contemplando obras que visavam não só melhorar a fachada em termos estéticos e as condições de habitabilidade do imóvel, mas também para o adaptar às diferentes funções que teve ao longo do tempo. A consulta do *Almanak do Porto*<sup>12</sup>, das diferentes licenças de obras<sup>13</sup>, dos livros de registos de dizeres e de licenças para tabuletas<sup>14</sup>, bem como outra documentação avulsa encontrada no AHMP, permitiu aferir de algumas das actividades que aí se desenvolveram. De salientar que entre o período de 1940 até aos finais dos anos 90 do século XX não se conseguiu encontrar qualquer registo de actividade comercial neste edifício. Entrevistas realizadas junto de alguns dos comerciantes mais antigos na rua, não permitiu igualmente aferir qualquer informação<sup>15</sup>. A ausência de licenças de obras após 1940, leva-nos a crer que este terá servido de habitação e posteriormente ter-se-á tornado devoluto. Desta forma, foi possível definir as seguintes actividades:

**1844** – Estava instalado no n.º 20 da Rua das Flores, o negociante António José Pereira Coelho.

**1853-1858** – Existia no n.º 24 da Rua das Flores um ourives de nome Joaquim Ferreira da Cunha.

**1860** – Um recibo encontrado no AHMP faz referência a uma loja e oficina de Ourivesaria de António Moreira de Magalhães, instalada no n.ºs 22 e 23 da Rua das Flores.

**1918** – O prédio foi tomado de arrendamento por 10 anos para aí se estabelecer um armazém de fazendas.

**1932-1933** – Estava instalada no n.º 24 da Rua das Flores a firma Pinto Araújo & C<sup>a</sup>, chá e café.

**1940-2001** – Não se conseguiu obter dados sobre a utilização do edifício, neste período.

**2002** – É arrendado ao Teatro de Marionetas para aí instalar o seu museu.

**2013-2016** – Abre ao público o Museu das Marionetas do Porto no n.º 22 da Rua das Flores onde funcionou até 2016, concretizando o sonho do fundador do Teatro de Marionetas, João Paulo Seara Cardoso, tendo dado uma dinâmica cultural à rua através das suas cenografias e leituras encenadas à porta, concertos, entre outras atractividades<sup>16</sup>.

**2017** – Abre a loja mãe da Claus Porto no n.º 22 da Rua das Flores.

<sup>12</sup> *Almanak da cidade do Porto*, 1844: 118; *Almanak da cidade do Porto e Vila Nova de Gaia*, 1853: 123; 1858: 108.

<sup>13</sup> AHMP. *Licença de obra*. N.º 469/1918.

<sup>14</sup> AHMP. *Livro de registo de licenças para tabuletas*, 1932-1933. TG-b/346, 115.

<sup>15</sup> Entrevistas realizadas a Manuel Saraiva morador n.º 18 Rua das Flores e Sr. Faria proprietário dos Armazéns Faria.

<sup>16</sup> Informações cedidas pela Dr.<sup>a</sup> Isabel Barros, diretora artística do Museu das Marionetas do Porto.

## 5. CLAUS PORTO: HISTÓRIA DE UMA MARCA CENTENÁRIA

A Claus Porto foi fundada no Porto em 1887 por dois alemães, Ferdinand Claus e George Schweder, sob a designação de Claus & Schweder dedicada ao comércio de sabonetes e perfumaria, com fábrica localizada na Rua Serpa Pinto no Porto, que contou com a visita do rei D. Manuel II em 1908.

O seu sucesso era enorme, tendo sido premiada em várias exposições nacionais e internacionais. A par da qualidade dos seus produtos, também as embalagens e rótulos artísticos, conferiam o sucesso e destaque desta marca no mercado.

Em 1903 George Schweder retira-se por motivos de saúde, entrando para a empresa Achilles de Brito e Willy Thessen um perfumista-químico alemão, da qual se tornariam sócios. Contudo, a 1.ª Guerra Mundial viria alterar o rumo da empresa, forçando a saída do país dos sócios alemães e a nacionalização da empresa<sup>17</sup>.

O sócio português Achilles de Brito, acabaria por fundar em 1918 a Ach. Brito, juntamente com o seu irmão Afonso de Brito, agregando as duas marcas em 1924 com a aquisição da Claus Porto.

O negócio prosperou, mantendo-se sempre na família, mesmo após a morte do seu fundador em 1949. Já sob a gerência de Achilles José de Brito, foi construída em 1952 uma litografia, permitindo desta forma também realizar os seus próprios rótulos e embalagens. Ao longo das décadas de 60 e 70 do século XX foi ainda realizado um forte investimento em publicidade e em maquinaria mais moderna e automatizada. São famosos os anúncios publicitários da Ach. Brito e Claus Porto, sobretudo das marcas Patti e Musgo Real, que continuam a ser produzidos até aos dias de hoje<sup>18</sup>.



**Fig. 5**  
Fotografia dos sócios  
da Ach. Brito e Claus Porto  
Fonte: Arquivo histórico  
da Ach. Brito

<sup>17</sup> COUTO, 2017: 267-269

<sup>18</sup> COUTO, 2017: 324-325.

A empresa chegou a ter cerca de 300 funcionários, com instalações dotadas não só de maquinaria e métodos de produção inovadores, mas também de equipamentos sociais como cantina e posto médico. Porém, os anos que se seguiram foram conturbados, apesar do sucesso internacional que a linha de produtos de gama alta da marca Claus Porto alcançou. Assim, as dificuldades financeiras acabariam por ditar em 1999 a venda do emblemático edifício localizado na Rua D. António Barroso, ao despedimento de mais de metade dos funcionários e à sua transferência para Vila do Conde<sup>19</sup>.

Em 2007 na sua nova unidade de produção em Vila do Conde, a Ach. Brito inicia uma nova fase, culminando em 2015 com a entrada de novos investidores financeiros. Inicia-se uma fase de crescimento e expansão, reforçando a internacionalização da Claus Porto, com vista a torná-la numa marca de culto de luxo e *lifestyle*. Esta estratégia teve como resultado a abertura das duas primeiras lojas de rua no país da marca Claus Porto, em Lisboa em Setembro de 2016 e a loja mãe no Porto em Junho de 2017. Fora do país, abre em 2018 uma loja em Nova Iorque e outra em 2020 em Tóquio.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No ano em que a Rua das Flores comemora os seus 500 anos, a sua história passa inevitavelmente pela memória dos espaços que a ocuparam. O edifício da Claus Porto, é um dos exemplos de como um edifício pode ajudar a contar o percurso desta rua ao longo dos tempos.

Por este imóvel passaram diferentes proprietários, entre eles algumas das famílias mais importantes que viveram nesta rua, bem como diferentes actividades que marcam até à actualidade a dinâmica comercial e cultural desta artéria. A Claus Porto ao instalar-se neste edifício, permitiu não só fazer retornar ao Porto (a sua cidade natal) esta marca centenária, mas também devolver à rua a elegância e prestígio que outrora a caracterizou, através dos com os seus icónicos produtos. Além disso, esta casa-mãe da Claus Porto, proporciona a que todos os seus visitantes possam percorrer a longa e impressionante história da marca, registada materialmente através do seu acervo histórico exposto no 1.º andar da loja, num pequeno núcleo museológico.

A dinâmica comercial instalada nesta rua, tem permitido a reabilitação de outros edifícios, abrindo espaço a outras investigações e dados históricos sobre esta rua e a cidade do Porto.

---

<sup>19</sup> COUTO, 2017: 363-364.

## FONTES

### Arquivo Geral do Município do Porto

AGMP. *Licença de Obra*. N.º 168/2013.

### Arquivo Histórico Municipal do Porto

AHMP. *Licença de Obra*. N.º 150/1856. D-CMP/7(19), fol. 270-272.

AHMP. *Licença de Obra*. N.º 291/1857. D-CMP/7(20), fol. 176-177.

AHMP. *Licença de Obra*. N.º 8/1916. D-CMP/9(212), fol. 36-41.

AHMP. *Licença de Obra*. N.º 469/1918. D-CMP/9(262), fol. 334-337.

AHMP. *Licença de Obra*. N.º 639/1940. D-CMP/12(639/1940).

AHMP. *Factura datada de 1860/12/13 relativa a peças de ourivesaria, em nome de Jacinto Pinto das Neves, de estabelecimento situado na Rua das Flores n.º 22 e 23*. D-EPH/A2-12.

AHMP. *Livros de registo de licenças para dizeres, 1929-1932*. TG-b/350 a TG-b/353.

AHMP. *Livros de registo de licenças para tabuletas, 1928-1933*. TG-b/339 a TG-b/346.

ALMANAK da Cidade do Porto, 1837, 1844, 1845, 1846. P05/ALMA.

ALMANAK da Cidade do Porto e Vila Nova de Gaia, 1848, 1853, 1858. P05/ALMA.

ALMANAK DO PORTO e seu Districto, 1866, 1879, 1881, 1882, 1891, 1894, 1900, 1903, 1908. P05/ALMA.

ANUÁRIO do Porto Santos Viseu, 1939, 1934, 1935, 1940, 1948, 1952, 1953, 1954, 1956, 1957, 1958, 1959, 1961, 1963, 1964, 1966, 1967, 1968, 1969, 1970, 1971, 1972, 1973, 1974. P05/ALMA.

### Direção-Geral dos Registos e do Notariado – Conservatória de Registo Predial do Porto

DGRN-CRPP. N.º 10208, Livro n.º 40, Secção 1, matriz n.º 1665.

## BIBLIOGRAFIA

AFONSO, José Ferrão (2000). *A rua das Flores no século XVI: Elementos para a história urbana do Porto de Quinhentos*. 2.ª ed. Porto: FAUP.

BARBOSA, Jorge Ferreira (2015). *Reabilitação do Património, cidade do Porto, estratégias e factos - Rua (S.ta Catarina) das Flores*. «Revista Arquitectura Lusíada». 7:1.º semestre, 153-206.

COUTO, Sónia (2014). *Fábrica Ach. Brito: um exemplo de sucesso na salvaguarda do património industrial*. In *Actas do II Congresso Internacional de Património Industrial. Património, Museus e Turismo Industrial: Uma Oportunidade para o Século XXI*. Porto: Universidade Católica, pp. 180-193.

COUTO, Sónia (2017). *Indústria Portuense de Sabonetes e Perfumaria – As emblemáticas Fábricas Claus & Schweder e Ach. Brito*. «O Tripeiro». 7.ª série. Ano XXXVI, N.º 9, 267-269; N.º 10, 308-310; N.º 11, 323-325; N.º 512, 362-364.

DELGADO, Ana Paula; VALENÇA, Paulo Queiroz; GUIMARÃES, Margarida Mesquita (2012). *Eixo Mouzinho/Flores: Território do recolhimento e do mercadejar*. Porto: Porto Vivo, SRU – Sociedade de Reabilitação Urbana da Baixa.

PORTO VIVO, SRU (2009). *Eixo Mouzinho/Flores: Documento estratégico – São Domingos*. Porto: CMP.

SANTOS, Cândido Augusto Dias dos (1973). *O Censual da Mitra do Porto. Subsídios para o estudo da diocese nas vésperas do Concílio de Trento*. Porto: Publicações da Câmara Municipal do Porto. (Documentos Memórias para a História do Porto, vol. XXXIX).